

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 10 de fevereiro de 2021 às 07h31
Seleção de Notícias

UOL Notícias | BR

Patentes

Na OMS, Brasil defende licenciamento para produzir vacinas pelo mundo 3
JAMIL CHADE | JAMIL CHADE

Yahoo! Notícias Brasil | BR

10 de fevereiro de 2021 | Patentes

O que a vacina da Covid-19 representa para a indústria farmacêutica? 5
MATHEUS MANS

Blog Capital - O Globo Online | BR

Direitos Autorais

Arrecadação de direitos autorais pela Ecad caiu 20% no ano da pandemia - e foi um alívio 7
MÚSICA

MSN Notícias | BR

Direitos Autorais

O boom da venda de direitos autorais na música pop 9

Na OMS, Brasil defende licenciamento para produzir vacinas pelo mundo

JAMIL CHADE

Num gesto inédito desde o começo da pandemia, o governo brasileiro adota um tom duro contra fabricantes de vacinas e sugere que governos e empresas passem a falar sobre a possibilidade de garantir licenças para que laboratórios em diversas partes do mundo possam fabricar os imunizantes.

O discurso do Brasil foi feito durante a reunião do Conselho do ACT Accelerator, um mecanismo criado pela OMS para garantir o desenvolvimento e distribuição de vacinas e tratamentos contra a covid-19 para países mais pobres.

.blogs-and-columns-recommendation *{transition: none!important}.blogs-and-columns-recommendation .related-content{visibility:hidden}.blogs-and-columns-recommendation:not(.component-ready).skeleton{min-height:386px;border-top:solid 1px rgba(51,51,51,.08);border-bottom:solid 1px rgba(51,51,51,.08);background-image:url(http://conteudo.imguol.com.br/c/_layout/v3/blogs-and-columns-recommendation/skeleton/bg-loading.png?v3)};margin-bottom:40px}@media (max-width:767px){.blogs-and-columns-recommendation:not(.component-ready).skeleton{min-height:420px;background-image:url(http://conteudo.imguol.com.br/c/_layout/v3/blogs-and-columns-recommendation/skeleton/bg-loading-xs.png?v3)}}Colunistas do UOL

Em sua intervenção, a embaixadora do Brasil, Maria Nazareth Farani Azevedo indicou que chegou o momento de se falar abertamente na possibilidade de que produtores de vacinas permitam negociações para garantir licenças para que outros laboratórios do mundo possam também produzir os imunizantes.

A proposta não se refere a uma **quebra** de patentes ou sua suspensão, como já defendeu a Índia ou África do Sul. Mas sim acordos entre as empresas e governos para que tais autorizações sejam concedidas. Com isso, laboratórios pelo mundo que hoje não estão sendo usados poderiam ajudar na fabricação e garantir um maior acesso aos produtos. Ela ainda fez uma defesa explícita da vacinação, indicando que essa seria a principal "saída" para a crise.

Operação da OMS por vacinas e testes tem déficit de R\$ 145 bi

O discurso do Brasil vem em um momento no qual governos ricos têm sido criticados por concentrar grande parte das doses. Dos países que já começaram a vacinar suas populações, 90% são ricos. 75% de todas as 130 milhões de doses já administradas foram para apenas dez países. Enquanto isso, quase 130 países com 2,5 bilhões de pessoas, não tiveram acesso ao imunizante.

Além disso, a iniciativa criada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para garantir o acesso de todos os países por vacinas, tratamentos, testes e equipamentos de proteção contra o vírus da covid-19 está com um déficit de US\$ 27 bilhões, mais de R\$ 145 bilhões.

Na reunião do conselho da COVID-19 Tools (ACT) Accelerator - o mecanismo criado para arrecadar recursos e distribuir tratamentos e vacinas - deixou claro a crise de solidariedade. Os recursos seriam necessários para permitir que mais de 2 bilhões de doses de vacinas cheguem aos países mais pobres, além de aumentar testes e material de proteção.

Ainda que seja um volume importante de recursos, a OMS insiste que os US\$ 27 bilhões representam "apenas uma fração" do impacto econômico da crise ou

Continuação: Na OMS, Brasil defende licenciamento para produzir vacinas pelo mundo

dos pacotes de trilhões de dólares aprovados por governos para salvar suas economias.

Ngozi Iweala, que preside a iniciativa e é favorita para liderar a OMC, fez o alerta de que, se não parado, o vírus pode tornar ineficientes os atuais instrumentos desenvolvidos. Para ela, fazer o mecanismo funcionar "não é apenas uma questão moral". "Trata-se de um instrumento estratégico e econômico", disse.

Ngozi criticou países que compraram mais vacinas que o tamanho de suas populações ou aqueles que já começaram a administrar doses para jovens e adultos, grupos que não fazem parte dos segmentos mais vulneráveis.

A postura da OMS é de que, uma vez que países te-

nham vacinado 20% de suas populações, doses devem ser destinadas aos demais países, principalmente os mais pobres. "Escolhas políticas terão de ser feitas", disse.

Tedros Gebreyesus, diretor-geral da OMS, também soou o alerta e indicou que as mutações do vírus ameaça fazer com que as vacinas sejam menos eficientes. "Enquanto a pandemia continuar, o impacto econômico continuará", disse. Para ele, se as variantes ganharem terreno, o mundo pode voltar "à estaca zero" na luta contra o vírus.

Jamil Chade

O que a vacina da Covid-19 representa para a indústria farmacêutica?



Desde o momento em que a Covid-19 foi classificada como uma pandemia, a sensação era de que o mundo corria com o mesmo objetivo: encontrar a vacina. As projeções mais otimistas, ainda em março de 2020, indicavam que o imunizante poderia se tornar uma realidade apenas dentro de dois anos. No entanto, menos de um ano depois da Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar a doença como pandemia, a vacina é aplicada em todo mundo - a mais rápida já desenvolvida na história. Siga o Yahoo Finanças no Google News. Nesse período, foi possível entregar para a sociedade ao menos quatro vacinas desenvolvidas e aprovadas pelas mais reconhecidas agências reguladoras do mundo - no Brasil, são duas aprovadas: a Coronavac e o imunizante de Oxford. Ainda há outras em processo de aprovação e até mesmo desenvolvimento em outros países, mostrando como a ciência, de alguma forma, caminhou para um mesmo ponto de transformação importante para a sociedade. "Isso só foi possível graças à colaboração entre os laboratórios, startups e institutos de pesquisa para desenvolver uma resposta eficaz e rápida", diz Elizabeth de Carvalhaes, presidente-executiva da Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (Interfarma).

"É um compromisso assumido por todos com a saúde da sociedade e uma busca constante por tecnologias e inovação para beneficiar os pacientes." Neste ponto, fica a dúvida: o que isso representa para a sociedade como um todo? A celeridade em desenvolver uma vacina tão rapidamente vai ajudar na indústria no ge-

ral? O que mudou no mundo das vacinas? Para atingir o resultado, foi importante os governos de países mergulharem na inovação de vacinas, inclusive em modelos que antes não eram priorizados. É o caso da técnica de RNA como mensageiro, adotada pela Moderna. Parte do código genético viral faz nossas células fabricarem uma proteína característica que dispara o sistema imunológico. A dinamização de processos mais burocráticos também foi algo determinante. Antes da vacina contra a covid-19, o imunizante mais rápido foi contra a caxumba, em um processo de quatro anos - geralmente, são entre cinco e 10 anos entre pesquisa, estudos e aprovação de agências.

A pandemia pediu uma solução, que contou com a ciberenergia entre indústria, pesquisadores e laboratórios. "As lições aprendidas durante o enfrentamento da pandemia de coronavírus pela indústria farmacêutica e pelos cientistas trarão avanços no desenvolvimento e produção de vacinas", diz Elizabeth de Carvalhaes, da **Interfarma**. Vai continuar assim? Apesar do momento otimista, os especialistas alertam para o caráter emergencial da vacina da Covid-19. A menos que haja outra pandemia em breve, vai ser difícil ver um imunizante pronto em tempo recorde - e não tem nada a ver com segurança. "Isso demandou realocação de recursos e esforços que estavam direcionados a outros produtos e tecnologias", conta a presidente-executiva da **Interfarma**. Doses da Coronavac no primeiro dia de vacinação contra a Covid-19 no HC, em São Paulo - Eduardo Anizelli - 17.jan.21/FolhapressA imunologista Roberta Sacchari concorda.

"Continua sendo ciência. No entanto, aprendemos processos e caminhos, além de abrir diálogos, que devem facilitar a chegada da indústria farmacêutica em

Continuação: O que a vacina da Covid-19 representa para a indústria farmacêutica?

soluções."Esta matéria faz parte do especial "Perspectivas: como a Covid transformou o mundo". Nele, projetamos as grandes mudanças que 2020 desencadeou nos próximos cinco anos. Acompanhe outras projeções. Siga o Yahoo Finanças no Instagram, , e

Arrecadação de direitos autorais pela Ecad caiu 20% no ano da pandemia - e foi um alívio

MÚSICA

Isabel Amorim, superintendente que assumiu o Ecad | Divulgação

Em um ano de shows proscritos, em que até a música de elevador foi escassa, a arrecadação de **direitos** autorais pelo Ecad encolheu 20% e ficou abaixo do bilhão pela primeira vez desde 2012. Mesmo assim, os R\$ 896 milhões foram recolhidos com alívio: quando tudo fechou, esperava-se que uma pandemia de poucos meses derrubaria o volume anual em 30%.

Se o coronavírus está aí até hoje, o Ecad conseguiu aliviar o baque concentrando esforços nas alternativas digitais à música ao vivo e em muita negociação com comerciantes que, em momento de crise, não têm o pagamento de **direitos** autorais como prioridade.

- Pra gente, uma queda de 20% é muito melhor do que estávamos esperando. Ela se deu graças ao crescimento dos meios digitais. Além disso, grande parte do trabalho consistiu em monitorar os estabelecimentos que estavam abrindo e negociar os pagamentos devidos, inclusive o que estava em atraso - **contou** à coluna Capital Isabel Amorim, superintendente que assumiu o Ecad no fim de 2019, após carreira como executiva em empresas jornalísticas como The New York Times Syndicate e El País.

Quando uma música é tocada de maneira pública - do buffet infantil à cena aleatória de uma série obscura no Netflix - , os executores precisam pagar **direitos** autorais aos artistas envolvidos. É o Ecad, uma empresa privada sem fins lucrativos, que concentra a arrecadação e a distribuição desses direitos. Ele tem regras de cálculo diferente para cada ambiente e ocasião de execução.

Serviços digitais representam um quinto do total

Tradicionalmente, a maior parte dos direitos é gerada na televisão, no comércio (lojas, academias etc.) e em shows. Em 2019, eles representaram, respectivamente, 37%, 23% e 16% da arrecadação. Embora a TV tenha ganhado força na quarentena, a arrecadação nos shows despencou a quase zero (com exceção do primeiro trimestre), enquanto a do comércio foi reduzida para 17%.

A perda foi parcialmente compensada por serviços digitais como o streaming, cuja fatia do bolo aumentou de 12% para 20% em um ano - sua maior participação até agora.

- Estabelecemos uma equipe para cuidar dos meios digitais e olhar, por exemplo, o fenômeno das lives, um mercado novo pra gente - afirma Isabel, admitindo, porém que a arrecadação com as transmissões ao vivo ainda é desprezível: - O faturamento da live como negócio é muito pequeno, nem se compara com o que é gerado pelos shows. Mas temos que monitorar.

Há ainda outros desafios no terreno digital, como a explosão dos podcasts. Hoje, o Ecad não consegue cobrar pela execução de músicas dentro dos episódios porque a transmissão de dados pelas plataformas ainda não foi sistematizada. Segundo Isabel, porém, trata-se de uma questão técnica que será resolvida nos próximos meses.

Arrecadação

A distribuição de direitos ficou em R\$ 947,9 milhões em 2020, atingindo 263 mil compositores, músicos, intérpretes, gravadoras etc. Foi uma queda de 4% ante o ano anterior. A diferença em relação à arrecadação se deveu, por exemplo, ao início da

Continuação: Arrecadação de direitos autorais pela Ecad caiu 20% no ano da pandemia - e foi um alívio

distribuição de direitos conexos no streaming e à liberação de créditos retidos por falta de informações cadastrais.

Batalha com hotéis

Nas negociações com os setores para o pagamento de **direitos** autorais, Isabel afirma que houve um embate com os hotéis. O setor entende que não deve pagar pelas músicas tocadas dentro dos quartos, enquanto o Ecad defende que, por serem ambientes de uso coletivo, os aposentos também são passíveis de cobrança. Atualmente, os hotéis estão pagando com base na taxa de ocupação que informam ao Ecad - deprimida pela pandemia -, mas não se chegou a um acordo definitivo.

2021 difícil

Para este ano, a expectativa de arrecadação dependerá, claro, da evolução da pandemia. O fiel da balança será o segmento de shows.

- A gente imagina que, se os shows voltarem, conseguiremos ter algo um desempenho um pouco melhor do que o ano passado - afirma a superintendente.

Será um desafio, porém. O Ecad trabalhava com a expectativa de que a vacinação avançaria até abril e o mercado voltaria próximo ao normal por volta de julho:

- Nesse cenário, voltaríamos a ter show em julho. Mas claro que não como nos anos anteriores. O varejo também não volta 100% em julho, porque as empresas retornam com menos fôlego.

O boom da venda de direitos autorais na música pop



Vários astros, entre eles Bob Dylan e Shakira, venderam seus direitos recentemente. Um novato fundo de investimento desponta na concorrência às gigantes Universal, Warner e Sony pelos megacontratos.

© imago images/Zumapress

Após décadas administrando o próprio patrimônio artístico, Bob Dylan vendeu seus direitos por estimados US\$ 300 milhões

Direitos autorais são um negócio lucrativo na música pop. Michael Jackson já sabia disso quando, em 1985, comprou 251 canções dos Beatles por 47 milhões de dólares. Uma bagatela, comparado com os 300 milhões de dólares por que, segundo se calcula, Bob Dylan vendeu seus direitos à gravadora Universal Music. Até o momento ele era um dos poucos artistas que administram o próprio arquivo, tarefa agora assumida pelo maior conglomerado musical do mundo.

Também Neil Young transferiu em 2021 os direitos de algumas de suas canções, entre as quais clássicos como Heart of gold, e para ninguém menos do que o fundo de investimentos Hipgnosis. Recentemente também Shakira e Stevie Nicks, da banda Fleetwood Mac, fecharam megacontratos semelhantes. Mera coincidência? Ou mais um efeito da pandemia?

O economista musical Peter Tschmuck, da Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena, acre-

ditado que as motivações são diversas. "Para Bob Dylan, pode ter sido uma espécie de previdência para a próxima geração, mas entre os mais novos talvez seja uma fonte extra de renda, já que foram canceladas muitas possibilidades de apresentação." Lucro para os outros

Direitos musicais são um verdadeiro tesouro: quem os possui embolsa cada vez que uma canção é utilizada, até 70 anos após a morte do compositor, seja em filmes, publicidade, versão cover, em shows ao vivo ou em plataformas de streaming, como Spotify e Amazon. Um exemplo: o mencionado fundo de investimento Hipgnosis detém os direitos de quatro canções escutadas na quarta temporada da série The Crown. Ou seja, a cada maratona de Netflix, a caixa registradora soa.

Até agora, contudo, raramente é a dos próprios músicos que soa. "Ainda há muitos contratos antigos, em que no streaming de música os artistas são tratados como na venda de discos", comenta Tschmuck. "Havia cláusulas que previam, por exemplo, uma participação no faturamento de 10% a 12%."

Na venda de CDs ou LPs, isso não era mal negócio, mas aplicado aos preços módicos de assinatura dos serviços de streaming, não dá para nenhum artista se sustentar mais. No passado houve protestos e críticas maciças nos meios musicais. Thom Yorke, do Radiohead, por exemplo, se nega até hoje a colocar suas músicas no Spotify.

© Photoshot/picture alliance

Merck Mercuriadis (esq.) e Nile Rodgers são os fundadores do fundo de investimento Hipgnosis

Concorrência às gigantes dos **direitos** autorais

Desde 2015, até mesmo a Comissão Europeia vem se ocupando dos **direitos** autorais no mercado digital. Na época, 1.110 artistas europeus apelaram à ins-

Continuação: O boom da venda de direitos autorais na música pop

tuição, criticando sobretudo o Youtube. Até então a plataforma estava isenta da obrigação de licenciamento, reservando-se uma vantagem comercial bastante injusta dentro do setor.

Assim, em 2019, a Comissão expediu a diretriz relativa a "**Direitos** autorais no mercado interno digital", o que, por sua vez, acarretou em protestos em massa por parte de youtubers e outros influenciadores. E ainda falta muito a debater.

Certo está que os concertos seguem sendo a fonte de renda mais lucrativa para os artistas, e não a venda de discos ou os lucros com streaming. Por esse motivo, muitos músicos mais jovens preferem ganhar uma grande soma de uma vez no lugar de numerosas miniquantias, que para alguns mal bastam para se sustentar.

Para músicos famosos, por vezes basta a venda de uma única canção. Esse é o caso de Sexyback, de Justin Timberlake, ou Set fire to the rain, de Adele. Os direitos de ambos os hits estão agora com o fundo de investimento Hipgnosis. Fundado em 2018, ele faz concorrência séria às três gigantes do setor, Universal Music, Warner e Sony Music.

O nome é uma homenagem ao estúdio de design britânico responsável pelas capas dos álbuns de Pink Floyd, entre outros. Por trás, estão dois veteranos da indústria musical: Nile Rodgers e Merck Mercuriadis. Este foi empresário não só de Elton John, Iron Maiden, Guns n' Roses e Beyoncé, como de seu companheiro Rodgers, membro da banda Chic e produtor de David Bowie e Madonna, entre outros. Con-

trole sobre o uso da própria música

No website do Hipgnosis lê-se que ambos os empresários não só providenciam lucros a seus acionistas, como querem oferecer aos artistas somas justas pelos **direitos** autorais. O compositor e letrista The-Dream, um dos primeiros a fechar negócios com a empresa, embolsou mais de 18 milhões de libras esterlinas por canções como Single ladies, de Beyoncé.

A política comercial do Hipgnosis pode ser um dos motivos por que Neil Young, por exemplo, decidiu transferir para ela a metade de seus direitos. Antes, o artista sempre se negara a vender sua música para publicidade. Em seu sucesso This note's for you, de 1988, Young chega a cantar: "Ain't singing for Pepsi, ain't singing for Coke" (Não estou cantando para a Pepsi, não estou cantando para a Coca-Cola).

No passado, o medo de ver a própria música usada para maus fins impediu muitos de venderem seus **direitos** autorais. "Nos EUA era acima de tudo o medo que [Donald] Trump usasse os direitos deles", brinca o musicólogo Peter Tschmuck.

Quem sabe a partida do ex-presidente vá até motivar outros músicos a venderem seus direitos. Seja como for, nota-se um movimento na indústria musical. E, se continuar diligente como até agora, o Hipgnosis certamente ainda proporcionará uma ou outra surpresa no jogo milionário dos **direitos** autorais.

Autor: Annabelle Steffes-Halmer

Índice remissivo de assuntos

Patentes

3, 5

Entidades

5

Direitos Autorais

7, 9